

Imprensa da Universidade

PROFESSOR DR. MARQUES DOS SANTOS

A VIDA E A OBRA DE LOUIS PASTEUR.
SUA INFLUÊNCIA NA UNIVERSIDADE
E NA CIDADE DE COIMBRA.

(LV)



IMPrensa DA UNIVERSIDADE
COIMBRA, 1923

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT
540 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILLINOIS 60637

1980

PHILOSOPHY DEPARTMENT
540 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILLINOIS 60637

HOMENAGEM

^

P A S T E U R

FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA

HOMENAGEM
A
PASTEUR

CONFERÊNCIA REALIZADA NA SALA DOS CAPELOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM 4 DE FEVEREIRO
DE 1923, COM A ASSISTÊNCIA DE REPRESENTANTES
DOS EX.^{MO}S SRS. MINISTROS DOS NEGÓCIOS ES-
TRANGEIROS E DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, PARA CO-
MEMORAR O PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DO ILUSTRE SÁBIO FRANCÊS, PELO
PROF. DR. MARQUES DOS SANTOS.



IMPrensa DA UNIVERSIDADE
COIMBRA, 1923

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

PA 3118 A9

PA 3118 A9

A SUAS EXCELÊNCIAS

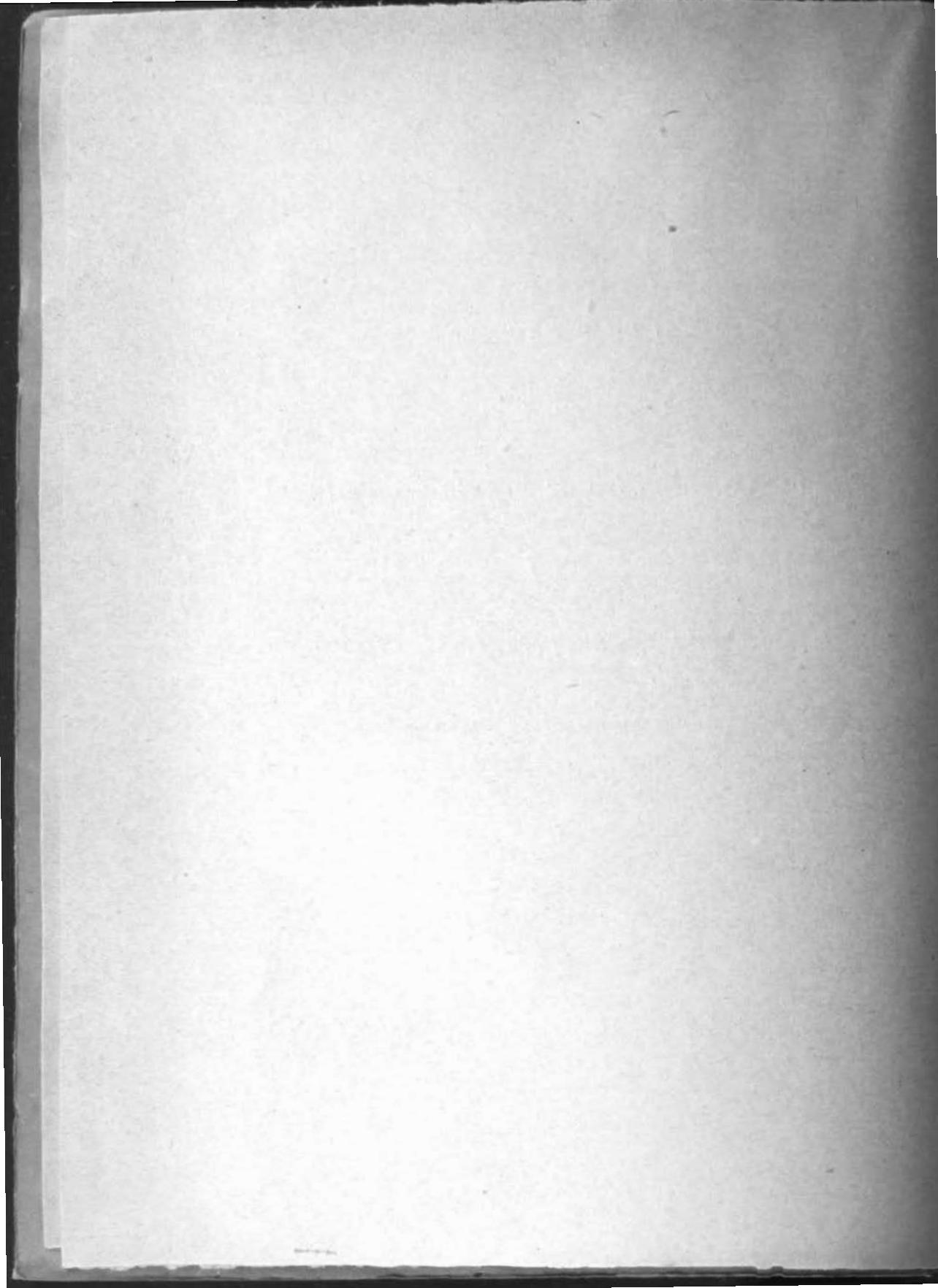
os Srs. Ministro de França em Portugal

e

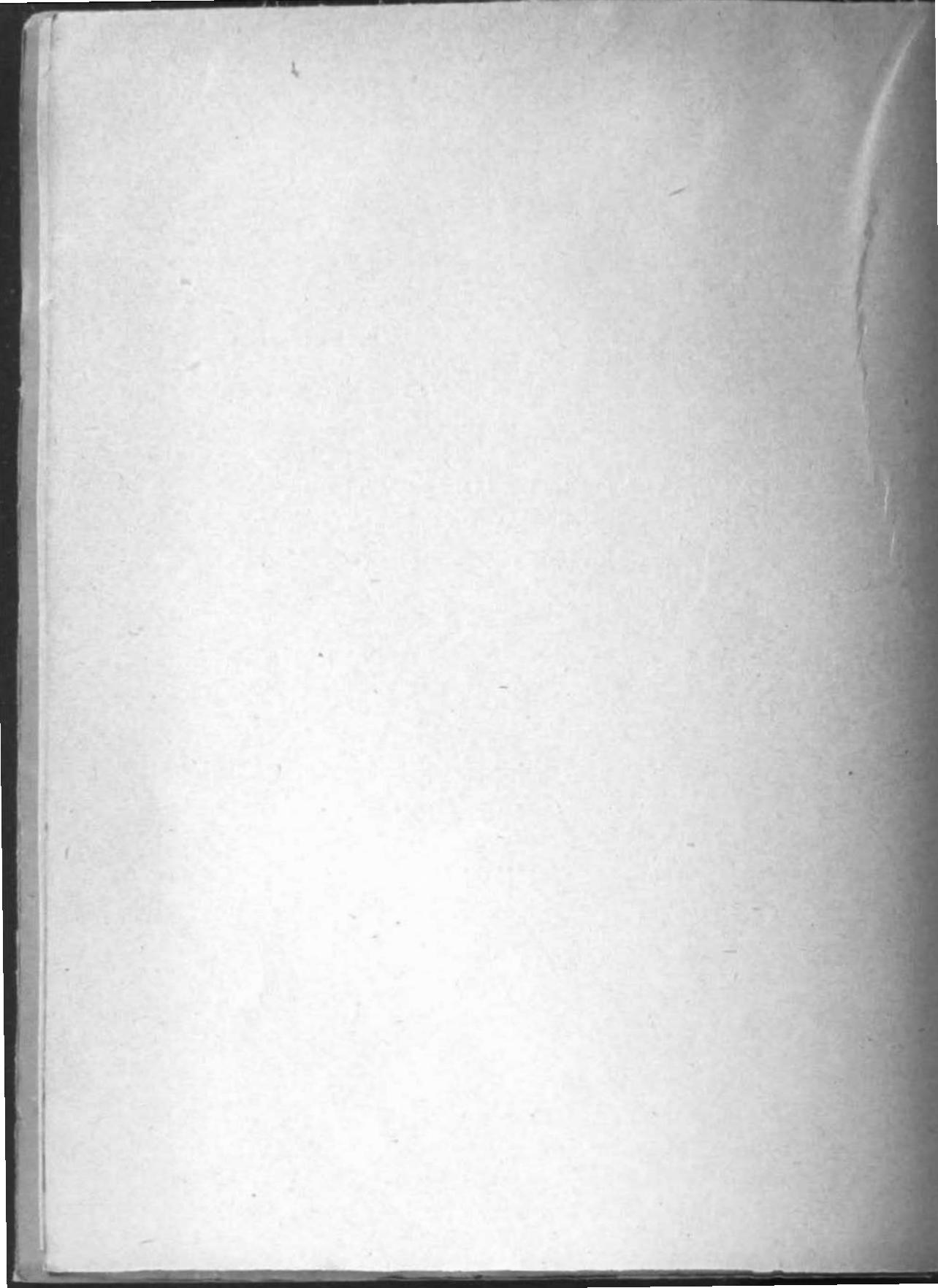
Doutor Domingos Leite Pereira

ILUSTRE MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

O. D. C.



A VIDA E A OBRA DE LOUÍS PASTEUR.
SUA INFLUÊNCIA NA UNIVERSIDADE
E NA CIDADE DE COIMBRA.



EXCELENTÍSSIMO SENHOR REITOR
DA UNIVERSIDADE:
PREZADOS COLEGAS,
MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES

A Faculdade de Medicina desta Universidade, de tão gloriosas tradições, determinou associar-se à homenagem de gratidão que o mundo inteiro entendeu dever prestar à memória do grande sábio francês LOUIS PASTEUR por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento.

Honra-me sobremaneira o facto de ter sido indicado para colaborar nessa homenagem; quando é certo que a minha apagada e humilde voz, ao erguer-se neste recinto por tantos motivos notável, não possui qualidades bastantes para uma consagração suficiente da memória daquele ilustre homem de ciência cuja obra de humanidade ainda hoje brilha no espaço como um astro radiante cheio de lumi-

nosidade sempre intensa, e cuja finalidade, no campo especial das sciências médicas, parece multiplicar-se cotidianamente, irradiando, como um metal raro, emanações bemfeitoras para o sofrimento humano.

Homenagem de gratidão a nossa e ao mesmo tempo de infinita saudade e reconhecimento, áquele nome privilegiado cujos principios e cuja técnica tornaram escravos publico e sábios de todo o mundo, desde o vinhateiro que dia a dia aproveita os seus memoráveis estudos sobre o vinho e sobre a fermentação acética, ao agricultor que aplica as suas descobertas sobre o colera das galinhas e sobre o carbúnculo para evitar que a morte lhe destrua os aviários e os rebanhos, até á humanidade inteira que a tão infatigável e esclarecido investigador, deve ainda o beneficio único do tratamento da raiva.

É também neste sentimento de gratidão religiosa que as minhas palavras vão erguer-se esperando da benevolência de todos vós, colaboração e compensação indispensáveis para o brilho que deveriam ter.



LOUIS PASTEUR, nasceu em 27 de Dezembro de 1822 em Dôle (Arbois); era filho de familia humilde e, quando frequêntava a escola primária, era um aluno sem qualidades brilhantes, estudando assiduamente, mas sem paixão.

Tendo herdado de seu pai uma vontade forte e um largo senso prático e de sua mãe uma inteligência viva e intuitiva, aliados a uma grande bondade e a um grande amor pelas artes e pela poesia, cedo conseguiu assignalar-se como desenhador hábil, imprimindo nos seus desenhos um tom de sinceridade e de verdade pura.

Os seus pais, tendo um grande culto pelo ensino e pouca simpatia pela falível glória dos artistas, resolveram enviá-lo a Paris com o intuito de preparar a sua entrada na Escola Normal, numa ambição justificável de o tornar professor.

Mas, o mais profundo amor pela familia e pela terra natal, trouxeram ao jovem estudante um violento ataque de melancolia que se prolongou e que só veio a curar com o regresso à casa paterna, onde PASTEUR voltou a dedicar-se apaixonadamente ao desenho, adquirindo uma certa nomeada.

Em Arbois não havia cursos de filosofia e, em face da desastrosa experiência de Paris, sua família, insistindo, resolveu enviá-lo para mais perto, para Besançon onde, abandonando o seu talento de desenhador, se applicou então denodadamente ao estudo e obteve em 1840 o seu primeiro diploma de bacharel em letras.

Em 1842 recebeu em Dijon o grau de bacharel em sciências matemáticas com más classificações em química e quando do concurso para a Escola Normal, que tanto aspirava vencer, foi classificado em 15.º lugar entre vinte e dois concorrentes ás segundas provas.

Desistiu da continuação do concurso, voltou aos estudos de Paris e, em 1843, depois de ter obtido maior preparação na Sorbonne aonde freqüentava as lições de química do professor DUMAS, conseguiu obter o quarto lugar no novo concurso em que tomou parte.

Em 1846, terminou o seu exame de agregado em sciências físicas sem notas brilhantes, mas horrorizado com a ideia de que o podiam mandar para um liceu da provincia, e depois de algumas solicitações, conseguiu ser nomeado preparador do laboratório do seu professôr BALARD.

Foi nesse laboratório que iniciou os seus estudos

sobre os cristais, repetindo e recomeçando os trabalhos de PROVOSTAYE sobre o ácido tártrico e sobre os tartratos, procurando ver se, empregando os mesmos processos, conseguia os mesmos resultados.

Em 1847 doutorou-se em química e física e, voltando ao estudo da cristalografia, cedo começou a dirigir notas dos seus trabalhos à Academia das Ciências, salientando-se entre elas uma valiosa memória sobre a «relação que pode existir entre a forma cristalina e a composição química e sobre as causas da polarisação rotatória», trabalho de grande valor que conseguiu atrair as atenções dos sábios sobre as suas primeiras investigações.

MITSCHERLICH havia constatado que os tartratos e os paratartratos eram sais idênticos e que, enquanto que os primeiros actuavam sobre a luz polarizada por serem dotados de poder rotatório, os segundos ficavam sem acção sobre a mesma luz.

PASTEUR examinou cuidadosamente esses cristais e em breve descobriu que a causa da diferença apontada por MITSCHERLICH, residia no facto de que os tartratos tinham uma faceta hemiédrica, enquanto que as facetas dos paratartratos obedeciam ás leis da simetria.

O poder rotatório era pois função constante da dissimetria da estrutura molecular.

Desejando saber bem o motivo porque os paratartaratos não desviavam a luz, estudou-os de novo e viu que tanto os paratartaratos duplos de soda e de amónio bem como os de soda e potassa tinham cristais hemiédricos, mas nuns esse cristais eram direitos; eram esquerdos nos outros.

Separou então os cristais hemiédricos à direita e os hemiédricos à esquerda e observou as dissoluções feitas de cada um deles no aparelho de polarização; viu que os cristais hemiédricos à direita desviavam o plano de polarisação para a direita e que os cristais hemiédricos à esquerda desviavam para a esquerda o mesmo plano e ainda que, fazendo uma solução mixta em pesos iguais, das duas variedades de cristais, ela ficava neutra para a luz polarizada, porque se dava a neutralização dos dois desvios individuais, iguais e de sentidos opostos.

Na alegria poderosa desta descoberta, corre e abraça o primeiro preparador que encontra; apressa-se a advertir o ilustre químico Biot e quando êste, dias depois, constatava a verdade das afirmações de PASTEUR, abraçou-o comovidamente dizendo: *« Mon cher enfant, j'ai tant aimé les sciences dans ma vie que cela me fait battre le coeur »*.

Um nova classe de substâncias isómeras acabava de ser descoberta; a constituição inesperada e até

ali sem exemplo do ácido racémico estava explicada ; um novo e imprevisto caminho acabava de ser aberto à ciência.

Nomeado professor de física em Dijon, transferido depois para Strasburgo, ali ficou até 1854; por essa época ligou a sua vida pelo casamento a M.^{mo} LAURENT, filha do reitor da Universidade, senhora ilustre que até à morte do grande sábio não cessou de o rodear de carinhos e cuidados pondo-o em estado de exercer o seu génio em todo o seu poderio e em toda a sua grandeza.

PASTEUR encontrou-se um dia em Paris com o sábio MITSCHERLICH, mostrou-lhe os seus trabalhos e quando êste homem ilustre lhe anunciou que o ácido racémico, raríssimo, só era fabricado na Alemanha, partiu para o estrangeiro e depois de uma caçada heroica em Leipzig, Dresden, Viena e Praga, voltou à França convencido em absoluto de que o ácido racémico existia nos tartratos não lavados e que aparecia nas aguas mães.

Iniciadas as experiências, em 1853, anunciou a Biot e a seu pai a descoberta do fabrico artificial do ácido racémico, recebendo da Sociedade Química de

França o premio de 1:500 francos e sendo condecorado aos 30 anos com a cruz da Legião d'Honra.

Um dia, PASTEUR, quebrando um cristal de tartarato, mergulhou-o numa água mãe e viu que o cristal se reconstituiu inteiramente e reconhecendo que os tartaratos sofriam verdadeiras fermentações que poderiam ser devidas a um ser microscópico, desempenhando o papel de fermento, encetou as suas investigações sôbre a origem da vida.

Nomeado em 1854 decano e professor de quimica da Faculdade de Lille, começou, numa fábrica de assucar daquela cidade, a estudar as fermentações.

As experiências feitas, particularmente as que incidiram sôbre a fermentação láctica e sôbre a fermentação alcoolica, breve lhe mostraram que toda a fermentação era devida á presença de celulas vivas que eram os agentes activos da fermentação; que essas celulas tinham uma vida própria e que os fenómenos da fermentação lhe estavam estreitamente ligados e eram influenciados pelas diversas fazes da sua evolução.

Em 1857 BIOT, seu mestre e amigo, induziu PAS-

TEUR a apresentar a sua candidatura à Academia das Ciências, na secção de Mineralogia, mas a candidatura foi infeliz, pois obteve apenas 16 votos; regressou a Lille sem surpresa pelo cheque sofrido, pois que, conhecendo os homens, já o havia previsto.

Neste mesmo ano foi nomeado administrador da Escola Normal e director dos estudos científicos do mesmo estabelecimento.

Foi nesse histórico laboratorio da rua do ULM, incomodo e primitivo, que o grande sábio terminou os seus estudos sôbre as fermentações e em especial sôbre a fermentação alcoólica, descobrindo ainda por essa época phenomenos que destruíram todas as noções até então aceites sôbre as condições da vida animal.

Ninguem se atrevia a negar que o oxigénio era um elemento necessário e indispensável à vida de todos os animais sem excepção; PASTEUR demonstrou porê, que para alguns animais êsse oxigénio suposto indispensável se tornava funesto, pois que alguns germens morriam ao seu contacto.

Examinando ao microscópio uma gota do líquido da fermentação butírica, colocada entre duas lamelas de vidro delgado, PASTEUR notara que os vibríões que produzem a fermentação eram muito ágeis e movimentados no centro das lamelas, longe

do ar, e que os vibrões que estavam junto dos bordos das lamelas, em contacto com o ar, se tornavam inertes e imóveis.

É que havia animais que tinham vida anaerobia, sem oxigénio; ao contrário do que estava estabelecido na afirmação de que todos tinham vida aerobia e para a qual o oxigénio era absolutamente necessário.

PASTEUR fez então passar uma corrente de ar num frasco contendo uma fermentação butírica, e notou que a vida dos vibrões decrescia de intensidade até se extinguir; logo o oxigénio prejudicava certos animais e, se êles não tinham encontrado oxigénio no líquido em que tinham sido semeados era porque vibrões aeróbios, tinham precedido a sua evolução e tendo feito desaparecer o oxigénio do líquido lhes permitiram viver e multiplicar-se.

De resto, os dois modos de vida, aeróbia e anaeróbia, podiam coexistir no mesmo líquido; parte dos aeróbios, depois de exgotado o oxigénio morriam e caíam no fundo do frasco; os mais vigorosos, voltando à superfície do líquido, viviam graças ao oxigénio do ar e constituíam uma camada protectora aos germens anaeróbios que se viam desenvolver nas partes mais profundas do líquido de fermentação.

Quando PASTEUR reconheceu que as células das

levaduras se podiam comportar como seres vivos, quando observou que os vibrões se agitavam, cresciam e morriam, logo procurou saber se elles nasciam espontaneamente das matérias em decomposição ou se seriam produzidos por outros germens.

As doutrinas da geração espontanea eram então sustentadas por POUCHET e adoptadas por numerosos sábios.

Áquêles que acreditavam na geração espontanea afirmou PASTEUR que tudo provinha dum germen; que os animáculos que pareciam nascer espontaneamente nas infusões, tinham origem nos germens e nos esporos que existem em suspensão no ar atmosférico.

Para as suas experiencias empregou balões de vidro de colo recurvado nos quais introduzia um infuso putrescível, água de feno, ou água de cerveja, aquecidos previamente até à ebulição para destruir os germens que podessem conter; feito isto deixava os balões expostos ao ar livre.

Nenhuma turvação se produzia no infuso em experiência, mas se, inclinando o balão, viesse a pôr o liquido em contato com as paredes do colo recurvado, a infusão povoava-se de germens fornecendo assim a dupla prova de que o ar puro não tinha acção sobre os liquidos putrescíveis e que eram os

germens e os esporos, mais pesados que o ar, que davam lugar àqueles supostos infusórios que se atribuíam à geração espontanea.

As experiências que PASTEUR fez para demonstrar a verdade da sua concepção, ficaram históricas.

Depois de ter enchido balões de vidro de colo direito e afilado, até metade da sua altura, com líquidos alteráveis como por ex. a água da cerveja, fazia ferver o líquido e enquanto o vapor da ebulição expulsava o ar, fechava rápidamente a ponta do colo do balão com a chama dum maçarico.

Assim preparados, os balões contendo os líquidos de estudo no vasio quasi absoluto, eram transportados para locais diferentes onde eram abertos com uma pinça previamente aquecida á lampada; o ar penetrava então no interior dos balões e estes, fechados em seguida, eram colocados em estufas à temperatura de 30°.

Se o ar provinha de locais cobertos de poeiras, as fermentações eram rápidas; lântas se o ar era mais puro, não chegando mesmo alguns balões a apresentar turvação.

Apesar dos resultados flagrantes destas experiências, muitos autores e entre eles o já mencionado sábio POUCHET, contestavam-as muito vivamente.

Então PASTEUR, fazendo-se acompanhar de 73 ba-

lões, partiu para as montanhas dos Alpes em Setembro de 1860.

Parou em Arbois onde fez colheitas de ar ; depois estacionou no monte Poulet e, finalmente, em Chamonix, abriu balões sobre o mar de gelo, onde, longe das aglomerações humanas, eram raros os germens e os espóros.

De 20 balões abertos na alta montanha, 19 ficaram estéreis, enquanto que a proporção dos balões abertos na planície descera a 15 e a 12.

A luta tomou então proporções épicas. Foi necessário nomear-se uma comissão para julgar os adversários, cada um dos quais, PASTEUR dum lado e POUCHET, JOLY e MUSSET do outro, deviam deante dela repetir as experiências feitas ; mas, enquanto que estes segundos não compareceram no dia marcado, PASTEUR acompanhado de DUCLAUX, repetiu as experiências que foram absolutamente concludentes.

A teoria da geração espontânea acabava de sofrer o mais violento abalo.



Durante o estudo das fermentações, PASTEUR foi levado também a estudar os fenómenos biológicos

por meio dos quais os vinhos se transformavam em vinagres.

LIEBIG, o químico célebre, sustentava por essa época uma teoria que não concordava com todas as constatações que PASTEUR havia notado.

Á superfície da mistura, que os fabricantes de vinagre de Orleans empregavam para a produção do seu produto, observava-se uma película de natureza desconhecida e que merecia todas as atenções dos fabricantes porque, quando sucedia cair no fundo do líquido, era necessário recommençar de novo as operações.

Para que ela se desenvolvesse e crescesse era necessário colocá-la em contacto com o ar.

No fim de um ano de estudos PASTEUR reconheceu que a acetificação da mistura provinha dum micróbio que, á superfície do líquido, na película, se apoderava do oxigénio do ar; deu-lhe o conhecido nome de «micoderma aceti.»

Cada grama deste germen produz em cinco dias dez quilos de alcohol; cada célula digere num só dia uma quantidade de alimentos duas mil vezes superior ao seu próprio pêzo.

Era ainda, dizia o sábio, esse germen quem, conforme estava ou não doente, dava lugar a bons ou maus vinagres conseguindo PASTEUR obter, por meio

de culturas, células normais que, depois de semeadas, davam uma acetificação regular.

A Camâra de Arbois, ofereceu-lhe então um laboratório para estudar as doenças dos vinhos; o laboratório foi instalado na sala de um café vulgar, sem gaz, sendo o aquecimento feito com carvão; não faltava o abano; a água ia buscar-se à fonte pública e a instalação merecia as continúas graças dos camponeses.

Apezar disso, as experiências foram tão bem dirigidas que em breve PASTEUR descobria que o oxigênio, longe de ser nocivo ao vinho, antes o envelhecia e lhe dava o sabor e o aroma.

Mostrou que cada doença do vinho resultava da acção de um micróbio especial e que, aquecendo-o, se evitavam as doenças e guardavam as qualidades próprias.

O método generalizou-se amplamente e a pasteurização do vinho, do leite, da cerveja, etc., começou por ser empregada sistematicamente desde essa data.

Em 1867 o juri da exposição Universal ofereceu-lhe como compensação pelos trabalhos sôbre os vinhos, um valioso prêmio.



A indústria dos bichos da seda, que tanto influiu na ecónomia nacional da França, estava em plena decadência.

Doenças estranhas propagavam-se entre as lagartas que morriam em grande número sem que remédio algum lhes podesse evitar a morte.

Apezar da tristeza que o acometera desde a perda do pai e de duas das suas filhas, PASTEUR instalou-se em Pont-Birquet, em 1865, no intuito de estudar as causas da mortalidade.

QUATREFAGES tinha classificado com o nome de pebrina, a doença mais temível entre as que apareciam; passado pouco tempo o grande sábio demonstrou que a pebrina era hereditária e contagiosa e que a sua causa era resultante da acção de certos corpúsculos que, como parasitas, destruíam e invadiam os corpos dos bichos da seda.

Esta sensacional descoberta não era mais do que o embrião da teoria das doenças microbianas, que alguns anos mais tarde devia revolucionar, como revolucionou por completo, toda a medicina.

Examinando ao microscópio o corpo esmagado

das borboletas logo depois da postura, destruía todos os ovos que fossem provenientes de borboletas onde os corpúsculos se tivessem desenvolvido, conseguindo ao fim de algum tempo obter sementes absolutamente sãs.

Em 1868, foi PASTEUR acometido de um ataque de paralisia e teve de interromper os seus trabalhos; mas logo que lhe foi possível, retomou-os escolhendo para campo das suas experiências a Villa Vicentina, no Frioul austriaco.

Havia dez anos que essa vasta propriedade, plantada de amoreiras, infestada pela pebrina, não dava rendimento algum; mas a colheita resultante do emprego de sementes seleccionadas por PASTEUR deu, logo no primeiro ano, um beneficio livre de 22:000 francos.

A vitória foi total e celebrou-se com uma demonstrativa comunicação à Academia das Sciências de França, feita por Dumas, em 11 de Abril de 1870.



Eleito senador, LOUIS PASTEUR voltava a França quando em Strasburgo soube da declaração de guerra com a Alemanha.

PASTEUR era um patriota ardente; a sua elevação era tanta que, quando Paris foi bombardeada, devolveu solenemente à Universidade de BONN o diploma que o havia nomeado doutor honorário dessa Universidade.

Às angustias patrióticas juntavam-se porém as inquietações de família; um filho do grande sábio fazia parte do exército do Este e dele não havia notícias.

Procura-o avidamente e dirigindo-se à Suíssa ali o consegue encontrar vivo e são no meio da multidão enorme dos soldados desmoralizados.



No desejo de libertar o consumo francês da produção da cerveja, quasi exclusiva à Alemanha, pensou fabricá-la em França.

Perto de Clermont, em casa dum proprietário, M.^o KULM, encetou as suas primeiras experiências.

Examinando ao microscópio os móstos, as leveduras e as cervejas, convenceu-se de que estas adquiriam mau sabor por virtude de doenças análogas ás que observara nos vinhos, e que elas eram devidas a certos micróbios. Depois de algumas

tentativas, fabricou cerveja e dali mesmo enviou ao seu mestre Dumas, uma duzia de garrafas; em 1871 seguiu para Inglaterra e ali causou grande admiração entre os fabricantes pela facilidade com que, pelo simples exame microscópico, indicava as qualidades das cervejas; a partir dessa data, o carácter prático dos ingleses introduziu nas fábricas o uso do microscópio.

Voltando a França na companhia de M. GRENET, seu preparador, pouco depois de ter efectuado mais alguns trabalhos no sentido de verificar a causa do mau sabor de algumas cervejas de boa qualidade, formulou a doutrina de que «todas as doenças das cervejas provinham de microbios que se podiam evitar por meio de precauções no fabrico» e seleccionando as leveduras e aquecendo a 50° as cervejas depois de engarrafadas, viu que elas se tornavam inalteráveis.

HUXLEY, inglês célebre, declarou nessa altura que as descobertas de PASTEUR valiam a riqueza da França.

Em 1874, PAUL BERT apresentou à Assembleia Nacional um projecto de lei concedendo a PASTEUR uma renda anual de 12:000 francos correspondente aos emolumentos da cadeira da Sorbonne que a doença o forçava a abandonar; o projecto foi aprovado por uma maioria esmagadora de 532 votos.

Começa então PASTEUR a frequentar a Academia de Medicina, virando a sua atenção para o estudo das doenças infecciosas.

Preconisou para as operações cirúrgicas, apoiado na sua descoberta dos micróbios da atmosfera, um método de pensos antiséuticos, convencido de que a maioria das mortes, resultavam do contacto dos ferimentos com os germens existentes na atmosfera.

O carbunculo dizimava anualmente em França grande numero de rebanhos; DAVAINE, tinha já reconhecido que o sangue dos animais atacados desta doença continha bastonetes rectilíneos que êle designara com o nome de bacterídias, mas GAILLARD e LEPLAT, professores no Val-de-Grace, sustentavam que a causa da doença era um virus e não o efeito das bacterídias carbunculosas.

Com a colaboração de ROUX, CHAMBERLAND e JOUBERT, depois de terem recolhido uma gota de sangue carbunculoso fresco, cultivaram as bacterídias em meios artificiais tomando, para semear cada liquido novo, uma gota do que o precedia imediatamente, de maneira que, à décima cultura, se obtinha a bacterídia no seu maior estado de pureza.

Esta bacteridia, inoculada depois nos animais, reproduzia a doença sem o auxílio do sangue.

Filtrando a cultura e inoculando o filtrado a doença não se reproduzia; logo a bacteridia era a causa do carbúnculo.

Estudando os campos malditos, onde os animais contraíam o carbúnculo, PASTEUR verificou que o contágio era feito pelos esporos microbianos que eram trazidos à superfície da terra, onde eram enterados os animais mortos de carbúnculo, pelos movimentos dos vermes.

Estudava paralelamente o cólera das galinhas e tinha notado que os esporos dos germens desta doença, expostos ao ar e semeados depois, num novo líquido de cultura perdiam a sua virulência ao ponto de se tornarem inofensivos; essa atenuação da virulência atribuiu-a á acção do oxigénio do ar.

Era esta grande descoberta que devia revolucionar a sciência médica e levar PASTEUR ao emprego das vacinas que obteve no fim de vários anos de experiências delicadas.

Em 1881 fez a sua comunicação á Academia e sob os auspícios da Sociedade de Agricultura fez uma experiência em grande escala, numa propriedade de Pouilly-le-Fort.

Confiam-lhe 50 carneiros e 10 vacas; os pri-

meiros 25 animais deviam ser vacinados com um virus atenuado e receber depois juntamente, com outros 25 não vacinados, o micróbio do carbúnculo muito virulento; num segundo lote a experiência caía sôbre seis vacinados e quatro não vacinados.

PASTEUR afirmou singelamente que todos os animais vacinados escapariam á morte e que os não vacinados morreriam na totalidade.

A 2 de Junho, depois da inoculação da bacteridia virulenta feita em 31 de Maio, todos os animais inoculados e não vacinados tinham contraído o carbúnculo e morriam; os animais inoculados e vacinados nem sequer adoeceram.

O exito foi retumbante e um ano depois tinham-se vacinado 613.740 carneiros e 83.946 bois!

Ao lado da vacina anticarbunculosa descobre a do cólera das galinhas e THILMIER, seu aluno, determinou ao mesmo tempo o agente do mal rubro dos porcos.

Numa febre de trabalho, sempre crescente, estudava PASTEUR a febre puerperal dando-lhe por origem um micróbio; redigia notas sôbre a peste, estudava e percorria os hospitais em companhia dos seus alunos e quando o Govêrno o condecorava com a Legião d'Honra, PASTEUR fez-lhe saber que só a

aceitaria se ela fosse igualmente concedida aos seus colaboradores, ROUX e CHAMBERLAND.



O carácter misterioso da raiva, que assolava a Europa, os efeitos temíveis que ela exercia sobre as pessoas atacadas, levaram-a a ser considerada como um flagelo tremendo contra o qual não havia remédio.

É em 1880 que PASTEUR, CHAMBERLAND e ROUX combinam iniciar o seu estudo.

LANELONGUE, no Hospital Trousseau, tinha internado no seu serviço, uma criança de 5 anos, mordida por um cão raivoso e chamou PASTEUR que recolheu a saliva da doente.

O sábio descobriu nesse esputo um micróbio que, inoculado aos coelhos os fazia morrer em dois dias, mas de doença diversa da raiva; depois vendo que esta se caracterizava por desordens nervosas, inoculou, a coelhos e a cães, as medulas craneanas de cães hidrófobos notando que nos animais inoculados a raiva se desenvolvia, mas só passado um tempo mais ou menos longo.

As experiências tornavam-se difíceis; PASTEUR

recorreu então à trepanação e inoculação directa nos centros nervosos, reduzindo o tempo de incubação a vinte dias.

Como não conhecia o germen que Roux havia já entrevisto sob a forma de pequenos pontos quasi imperceptíveis aos maiores aumentos e como não podia cultivar os germens em liquidos apropriados e atenuá-los pelo mesmo método de que se havia servido para as outras doenças, lembrou-se de os cultivar de coelho para coelho, obtendo assim um máximo de virulência fixa que reduzia a evolução a sete dias.

Mas como transformar o virus em vacina?

Observara PASTEUR, que as medulas rábicas, em contacto com o ar seco perdiam tanto mais da sua virulência, quanto maior era o tempo porque a ele estavam expostas; no fim de quinze dias tornavam-se inofensivas.

Encontrado por esta forma o modo de atenuar o virus rábico, procurou saber se a inoculação do virus-vacina tornava os cães refractários à doença e se impedia também que a raiva se declarasse e desenvolvesse nos animais mordidos.

As experiências foram longas e difíceis; o illustre sábio pensava inocular-se, quando as suas repetidas experiências sobre os animais lhe deram resultados

tão evidentes que então se resolveu a aplicar o método ao homem.

A primeira inoculação foi feita em 6 de Julho de 1885, a um rapaz de nove anos, gravemente mordido, com 14 ferimentos.

O tratamento começou pela injeção das vacinas menos virulentas, compostas por medulas rábicas com catorze dias de idade.

O rapaz suportou bem o primeiro tratamento, mas a ansiedade de PASTEUR era enorme no tocante à aplicação das vacinas mais virulentas; as perturbações que seguiram à injeção destas últimas não foram notáveis e os sintomas da raiva não apareceram.

Mas mais brilhante foi ainda o caso do heróico pastor JUPILLE que, com quinze anos de idade, se tinha batido denodamente com um cão danado para dar tempo a que os seus camaradas, cinco jovens pastores, pudessem pôr-se a salvo.

Êle tinha sido mordido profundamente durante a luta, os ferimentos eram múltiplos e o caso era grave também porque já tinha decorrido uma semana entre o dia da mordedura e o dia em que êle podia sofrer a primeira inoculação.

Mas, mercê do tratamento adequado o joven pastor ficou indemne.

Estava resolvido o problema; instalou-se então em França um serviço de vacina contra a raiva e no curto espaço de um ano tratam-se 2:682 pessoas, apenas com 31 casos mortais.

A eficácia do método estava demonstrada.

A cura da raiva despertou um movimento de entusiasmo universal; sob a iniciativa da Academia das Sciencias abriu-se uma subscrição internacional que rendeu 2.586.680 francos e que foi destinada à criação do INSTITUTO PASTEUR que hoje se ergue em Paris, Rue Dutot, e donde tantos beneficios tem dimanado para a humanidade sofredora.

*
* * *

A enumeração acabada de fazer dos trabalhos do grande sábio francês, impõe à admiração de todos os beneficios que resultaram da amplitude da sua vastíssima obra à qual se devem os conhecimentos dos fenómenos essenciais da vida.

Experiências feitas sempre com uma simplicidade e com um rigor inultrapassáveis, conseguiram resolver o grande problema da geração espontânea que desde Aristóteles se vinha debatendo.

A descoberta dos infinitamente pequenos trans-

formando a matéria azotada, de estrutura tão complexa, e degradando-a até ao estado de simples combinações binárias, água, amoníaco e ácido carbónico, mostraram claramente não só a volta progressiva da matéria orgânica ao mundo mineral, mas ainda como a vida preside ao trabalho da morte.

O estudo das fermentações e putrefacções deixando entrever desde logo a especificidade microbiana dos agentes de certas doenças, foram pouco depois utilizados na descrição das várias doenças do homem e dos animais.

É PASTEUR quem nos revela a existência de gérmenes no ar, na água, no solo, envolvendo na sua poeira contínua os organismos aos quais misturam a sua própria vida.

Ensina-nos a combatê-los e a discipliná-los.

Em cada espécie, sob o ponto de vista do seu metabolismo próprio, PASTEUR marca a sua equação específica, denunciando-lhe a variedade pela escolha dos alimentos e pela forma de os transformar.

Essas reacções electivas, previstas e verificadas quando do estudo da dissimetria molecular em relação com os fenómenos vitais foram denunciadas na presença dos ácidos tartárico (racémico) direito e esquerdo, pois microorganismos encontrou que exclusivamente consumiam o ácido direito.

A significação fisiológica da estrutura dissimétrica dos princípios que constituem os seres vivos, albuminas, açúcares, etc., foi prevista em toda a sua grandeza.

A luz do gênio penetrara na intimidade da substância viva, estabelecendo as relações íntimas da sua estrutura e do seu modo de funcionamento.

A noção da especificidade foi reforçada depois com a descoberta das toxinas microbianas e pela dos caracteres transmissíveis e adquiridos pelos germens, colocados em determinadas condições de vida.

A provocação dessa variação hereditária com atenuação ou perda completa do poder nocivo dos germens, levou PASTEUR ao método de preparação das vacinas.

Analizando de perto as condições essenciais do contágio e da infecção, precisou-as encontrando na passagem pelo organismo dos animais o meio de exaltar ou atenuar a virulência dos germens.

A descoberta do poder vacinante dos micróbios atenuados, era o prelúdio da descoberta da imunidade e dos soros imunizantes.

Sob o ponto de vista biológico geral a obra de PASTEUR ganhou dia a dia em grandeza.

A sua beleza é a própria beleza da essência da vida. Os horizontes que dela ficaram, conservam aquela

mesma glória de infinito que pouco a pouco o espirito humano vai desvendando.

Toda a sua obra é simples, religiosa, evocativa, natural; cheia da fé-pura das manifestações da natureza que nos rodeia; ela é comparável na sua previsão, no seu alcance, à daquela portuguesa caravela aérea, que, singrando ar na doçura e simplicidade duma cotovia decidida, deixa entrever miríades de novas descobertas, levando ar em fóra as ligações consequentes do imortal génio luziada que as inspirou.



A influência das descobertas de PASTEUR foi-se efectivando em todo o mundo ao passo e à medida que elas chegavam ao conhecimento dos investigadores.

Portugal foi dos primeiros países a sofrer uma tão benéfica influência, pois desde 1882 que entre nós se começou o ensino da Microbiologia. E dentro do país, é ainda a Universidade de Coimbra, por intermédio da sua Faculdade de Medicina, quem primeiramente põe em prática os métodos resultantes das descobertas de PASTEUR.

Com efeito, de 1882 a 1883, o ilustre e falecido professor Dr. AUGUSTO ROCHA nomeado professor

de Patologia Geral, começou a organizar o ensino prático da Microbiologia, utilizando-se para esse fim do Laboratório de Histologia. Animado do fogo sagrado, entusiásma-o a ideia da criação dum Laboratório de Patologia Geral, mais tarde Gabinete de Bacterioscopia.

E tantos são os esforços empregados que o Conselho da Faculdade lhe concedeu, em 1883, 700000 reis para a compra de material.

Diligências progressivas, tenazes, não só da parte do insigne polemista da *Coimbra Médica*, mas também da comissão de professores encarregada em 1880, da criação do laboratório, levaram as coisas ao ponto de conseguir a construção de salas especiais no edificio do Museu e que apenas foram concluídas em 1890.

Em 1887, o laboratório ainda não tinha microscópios seus e os trabalhos de investigação eram feitos com material emprestado pelos outros estabelecimentos da Faculdade. Todavia até 1892, data em que o Dr. AUGUSTO ROCHA foi nomeado professor de Clínica, já se tinham publicado dois trabalhos de vulto, effectuados por este professor e pelo falecido Reitor desta Universidade, saudoso professor Dr. FILOMENO DA CAMARA.

Em 1882 o Sr. Prof. Dr. LUÍS PEREIRA DA COSTA

tomou a direcção do laboratório e propôs que o Sr. CHARLES LEPIERRE, então preparador, fôsse encarregado dos trabalhos práticos; recebia 180000 reis por mês e era auxiliado pelo actual preparador Sr. José FERNANDES que recebia sete vintens e meio por dia.

Mas o que é certo é que, tendo vivido angustiosamente até à data da publicação do decreto de Dezembro de 1901, desde 1894 até então, surge nesse curto período, um volumoso núcleo de trabalhos, não só daqueles que hoje tanto honram a dentro da Faculdade os serviços de ensino que lhe estão confiados, como ainda os de alguns alunos em que o espirito pratico do infatigável trabalhador descobria também tendências laboratoriais que êle logo inflamava do mesmo fogo sagrado da sua fé e da sua vasta erudição.

São os valiosos trabalhos sôbre as Ptomainas do Sr. Prof. SILVA BASTO; seguem-se as investigações do Sr. Prof. VIEIRA DE CAMPOS sôbre as nucleinas e propriedades bactericidas do sôro e um elevado número de opúsculos do Sr. Prof. ANGELO DA FONSECA relatando trabalhos vários; são as investigações dos Srs. Profs. DR. LUÍS PEREIRA DA COSTA e CHARLES LEPIERRE sôbre a epidemia pseudo-colérica de Lisboa de 1894; são ainda cêrca de vinte variados trabalhos originaes do Sr. Prof. CHARLES LEPIERRE cheios

da sua flagrante originalidade e profundos conhecimentos e que desde logo começam a espalhar pelo país e pelas sociedades científicas da França, o fervor e o interêsse progressivo com que a Faculdade de Medicina de Coimbra acolhera e applicava as doutrinas de PASTEUR e como a sua influência tinha sido enorme em Portugal.

De 1900 a 1903 os serviços públicos distraíram para fóra do ensino o Sr. Prof. LUÍS PEREIRA DA COSTA; por êsse motivo o falecido Sr. Prof. ANTÓNIO DE PÁDUA assumiu a direcção do laboratório e nêsse curto período a obra realizada é extraordinária, enorme, brilhante.

São os contínuos trabalhos de LEPIERRE sôbre as águas, sôbre as glucoproteínas, sôbre o colibacilo, sôbre o meningococo de WEICHELBAUM; são os artigos formidáveis do espirito arguto dos Profs. ANTÓNIO DE PÁDUA e LEPIERRE, lançados numa corrente de análise critica profunda sôbre os estudos da missão portugêsa da doença do sono e que, duramente batidos, collocaram as coisas no seu devido ponto.

Ao mesmo tempo o saudoso Prof. ANTÓNIO DE PÁDUA faz o primeiro inquérito geral sôbre a distribuição da malária no país, publicando uma carta topográfica de valôr.

É ainda nêsse espaço de tempo que surgem os

trabalhos feitos no mesmo laboratório sobre o «Corpo tiroide», pelo Sr. Prof. LUÍS VIEGAS, a dissertação inaugural do Sr. Prof. ANGELO DA FONSECA sobre a Peste bubonica; os estudos do Sr. Prof. ELÍSIO DE MOURA sobre «Toxidez urinária»; os trabalhos iniciais do falecido Prof. NOGUEIRA LOBO que ainda estudante, era já o preparador cuidadoso, sofrendo a acção contínua de LÉPIERRE, homem de bem, por vezes rude mas sincero, e que tinha o condão raro de, confiando a sua barba ruiva, encantar os rapazes e preparar o mel que, atraindo-os ao desejo das grandes descobertas os prendia com igual entusiasmo ao laboratório.

COUTO JARDIM, ARRUDA, as primeiras alunas médicas da Faculdade de Coimbra, D. SOFIA DIAS E D. DOMITÍLIA DE CARVALHO, ALMIRO, EURICO LISBOA, tôda essa mocidade em flôr era embalada pela mesma elevada ideia; descobrem-se gérmens novos; fazem-se experiências de transmissão da tuberculose aos animais pela ingestão do leite bacilizado e pela primeira vez se fabrica tuberculina em Portugal.

Estabelecera-se a corrente; em 1903, já as responsabilidades de trabalho eram maiores, já o ensino tinha adquirido certa e notória perfeição. COSTA FERREIRA, AFONSO PINTO e eu próprio, fomos caçados,

adulados, por assim dizer inoculados com aquele germen de trabalho que pairava no âmbito do laboratório e que se movimentava mal o chefe de trabalhos aparecia.

Depois vinham os artigos para o *Movimento Médico*; e quando algum de nós começava a produção escrevendo «Nós sabemos» vinha da boca de LEPIERRE, a frase de PASTEUR: — *On sait? Mais qu'est ce qu'on sait? On ne sait rien, mon cher?*

AFONSO PINTO estuda largamente o gonococo; por nossa parte fizemos o estudo dos cérebros de ménigíticos; o colargol foi estudado em colaboração.

Em 1905, o Sr. Prof. ALVARO DE MATOS, estuda o célebre micróbio de DOYEN; o Sr. Prof. GERALDINO BRITES publica os seus trabalhos sobre o estreptococo e sobre o ácido úrico; o falecido Prof. SÉRGIO CALISTO revela aquela forma de pneumococo em cadeia que anos depois, nós e AFONSO PINTO encontramos na expectoração dos pneumónicos de pneumococcias hipervirulentas.

O Sr. Prof. CIPRIANO DINIS publicava então a sua memória sobre os «Meimendros» e não se esqueceram as longas horas de trabalho, que larguíssimos dias o Sr. Prof. SERRAS E SILVA desfiava a trabalhar, no vão duma janela triste.

Como tudo isto revela amor, encanto, religiosi-

dade, dedicação; a obra de PASTEUR, obra da natureza, e pura como ela, influenciara a Faculdade, dando-lhe o elan que a elevou por esta época, pela linguagem clara e persuasiva dos seus mestres e pelas conseqüências que determinára no espírito dos que a dirigiam, ao lugar a que em Portugal tinha direito.



De 1905 até ao presente, convulsões de várias ordens, motivos que o tempo traz e que a vida envolve, não permitem acentuar tão belamente a influência da obra de PASTEUR sôbre a nossa Universidade.

A agitação política que tem abalado o país e por vezes sacudido fortemente, — não quero dizer que sempre com razão, esta velha Universidade que, conservadora na essência, dava por vezes a impressão de hostilidade ao regimen que se erguera, reflectiu-se nas coisas, nos homens, não sei mesmo se dentro dos meios de cultura dos infinitamente pequenos; a doença de NOGUEIRA LOBO, a saída de LEPIERRE, e sobretudo, meus senhores, essa criação do curso livre que obriga violentamente o professor à demonstração da sua capacidade, libertando o mau aluno da melhor parte da sua responsabilidade; que

o impede de aprender a expôr, a raciocinar, em face dos dados experimentais; o *struggle for life*, enfim, diminuíram é certo aquele calor expansivo que toda a obra de PASTEUR encerra.

Mas se o diminuíram, nêste periodo, eu sei bem que não o aniquilaram. NOGUEIRA LOBO já doente escrevia os seus trabalhos sôbre a anafilaxia; vieram os métodos de BORDET-GENGOU logo aqui applicados para o diagnóstico; vieram as vacinas de WRIGHT que em Coimbra o Prof. LOPO de CARVALHO applicou a várias enfermidades; vieram as vacinas de DANYS e fizeram-se alguns estudos ainda inéditos de AFONSO PINTO sôbre os bacilos diftéricos e pseudo-diftéricos.

Não o aniquilaram, disse há pouco; falta apenas alimentar de novo o fogo sagrado no sentido dos caminhos que tem abertas as portas do futuro, a vacinoterapia e a soroterapia; falta apenas equipar de novo, dotando suficientemente, aqueles serviços em que se pode ser útil à humanidade e ao nosso querido Portugal.

*
* * *

A cidade e a Universidade de Coimbra, há longos séculos que se consideram enternecidamente numa amizade sempre firme.

Mercê da calma dos lugares que a rodeiam e onde a natureza se ostenta nas suas peregrinas vestes verdejantes; mercê da luz suave que a ilumina, coada através do filtro das lendas e dos factos solenes que a marcam na história de Portugal; mercê ainda da hospitalidade dum povo bondoso e bem intencionado, onde o crime é raro e a devassidão mal se pressente; graças ainda à privilegiada situação geográfica que a determina, Coimbra, presta-se em extremo ao labor cotidiano dos estudantes e possui hoje, como raras cidades do mundo, os recursos indispensáveis a uma educação geral suficiente.

Esses recursos fornece-lhos continuamente a Universidade, quer aperfeiçoando sucessivamente os seus diferentes ramos de ensino; quer enviando ao estrangeiro os seus professores e assistentes, quer modificando os seus processos de estudo, criando laboratórios, isto é, tornando atraentes pelo máximo possível de perfeição pedagógica, as tarefas dos cursos especiais que já contêm.

Vivendo uma tão íntima vida, não podia a cidade escapar-se à influência das doutrinas de PASTEUR que desde 1880 começaram por dominar e revolver, cavando fundo, os estudos médicos da Faculdade.

É assim que nós vemos a intervenção feliz do Gabinete de Bacterioscopia, esclarecendo e dominando

pelas suas indicações, as temíveis epidemias de tifo abdominal que, à volta de 1888, assolavam a cidade.

Nessa época portanto, ainda em pleno período de trabalho mais fecundo de PASTEUR, lado a lado, seguindo par a par as descobertas do sábio francês, em Coimbra, os falecidos mestres FILOMENO DA CAMARA E AUGUSTO ROCHA, num laboratório feito de empréstimos, numa casa de bric-à-brac, semelhante ao café laboratório de Arbois, denunciavam o bacilo tífico das águas e apresentavam ao Governador Civil de então um memorável relatório.

Mais tarde, em 1901 o professor CHARLES LEPIERRE que tanto impulsionou a bacteriologia coimbrã e o meu falecido colega e amigo NOGUEIRA LOBO fazem a análise bacteriológica geral das águas de Coimbra; marcam as águas más e as águas boas, protegendo a população citadina contra as doenças de origem hidrica e, de acôrdo com a Municipalidade, estabeleceram o serviço regular de análise das águas fornecidas.

*
*
*

É sob êsse ponto de vista protector que o grito de alarme surge de ora em quando, sôlto do laboratório, sempre que os depósitos de abastecimento

contam maior número de germens, aconselhando a fervura das águas, isto é, indicando aquele processo de esterilização simples e eficaz, tão usado nas primitivas experiências de PASTEUR.

Em 1900 o Sr. Prof. ANGELO DA FONSECA realizou no mesmo antigo laboratório de Microbiologia, o estudo bacteriológico do ar e das poeiras de Coimbra; são marcados os lugares onde mais convinha enviar os doentes cujos sofrimentos necessitam maior pureza atmosférica; são denunciados os focos mais temíveis da infecção aérea.

Em 1903, depois dos pacientes trabalhos feitos sobre a distribuição geral do paludismo em Portugal pelo falecido Sr. Prof. ANTÓNIO DE PADUA, estudam-se os anofeles no campo de Coimbra e a cidade viu diminuir desde então nos campos que a rodeiam, os impaludados pelo agente de LAVERAN.

O pão fabricado em Coimbra, não escapou aos estudos feitos simultaneamente nos laboratórios da Faculdade e no laboratório da Escola Industrial de Brotero, pelo Sr. Prof. LEPIERRE; e essas investigações, abrangendo em certos pontos, repetições de pequenas passagens do estudo das fermentações, tomam largos pontos de contacto com a obra de PASTEUR, aproveitando aos conimbricenses.

O exame dos produtos suspeitos provenientes dos

animais sacrificados no Matadouro Municipal foi desde muito tempo um dos encargos do laboratório de Microbiologia. O ponto de vista da saúde pública, o amor aos munícipes, sinais que caracterizam uma administração municipal superior, foram uma das muitas virtudes das vereações DIAS DA SILVA e MARNOCO E SOUSA; êles chegaram a sistematizar êsse amor e êsse interesse, ordenando análises freqüentes dêsses produtos e colaborando como podiam no sentido de auxiliar as dotações que a Faculdade não podia acrescentar.

Em troca das análises de água, feitas sem remuneração alguma para o pessoal, a Câmara Municipal de então, começou a ceder gratuitamente a água e o gás ali precisos.



Passam desde 1905 ao presente dezoito largos anos, silenciosos, estacionários; uma nova fé dilatou o nosso sentimento, mas pouco depois a humanidade volta-se para a feição bárbara da grande guerra; vieram os feridos, os mortos, os mutilados; vieram as calamidades da guerra, da fome incipiente.

Coimbra não adormeceu de patriótica indiferença; os seus homens de laboratório forneceram contin-

gente; mobilizam-se, incarnam-se na essência das doutrinas microbianas e a cidade teve de esperar.

Mas voltando os olhos sôbre a colina que o sol alegre e o frio acariciã polvilhando suavemente duma subtil camada de geada branca, vê-se que sôbre Coimbra também a influência da obra de PASTEUR ainda não terminou.

Há aspirações erguidas, necessidades urgentes que ainda não são realidade, mercê de causas que não me é dado conhecer; há faltas de dever humanitário que em Coimbra se arrastam entre o despiolhamento ingênuo feito ao sol, tal qual o já vira o alemão LINK em 1797 como mister das mulheres da nobreza portuguesa, entre os escritos odientos e injustos de qualquer verrineiro malsinando as intenções de quem trabalha e entre a maledicência propositada e feroz que alguns outros abanam inconscientemente.

Mas dizia eu, há aspirações erguidas, de realização anciada e necessária cuja causa de sossôbro, desconheço; dos homens úteis em Coimbra sob êste ponto de vista uns levou-os cedo a morte, outros levou-os o tédio pela ingratiidã sem nome, mas alguns restam ainda capazes, decididos e os problemas a resolver são simples, claros, como todos os problemas de PASTEUR.

A cidade de Coimbra necessita de um serviço

antirábico e vacínico e à volta dessa necessidade agitam-se os politicos e os bairristas. De acôrdo, mas para que tanto ruído da montanha? Para denunciar lá fóra, ao país, que não obstante os recursos que possuimos nos deixamos aplicar os foros menor civilização, pois há quem avalie do grau civilização dum povo pelo número de casos de raiva observados?

Não; sem reclame, sem ruído, sem aquela alegria que poderia vir da esmola dum milionário, as aspirações poderão ser realidade.

Porque não está ainda organizado devidamente em Coimbra o tratamento aos mordidos por animais raivosos, tão freqüentes no distrito? Declaro que desconheço a causa verdadeira.

Recordo-me entretanto de que, alguns anos atraz, pessoa que governava o distrito, me pediu opinião sobre o assunto; estudei-o nos seus minimos detalhes; dei-lhe orçamento. Custava a instalação cinco contos; indiquei terreno, local, funcionamento e por dever de lealdade, entreguei cópia a um querido mestre e amigo da Faculdade.

O tempo passou, a poeira caiu e o projecto perdeu-se por grandioso.

Mas a orientação citadina dos últimos tempos, tem sido, creio, formar independente, magestoso, um

edifício próprio para o tratamento da raiva! Que os novos ricos se quotizem e brindem a cidade que os enriqueceu.

É preciso notar porêem que em qualquer parte podem instalar-se serviços dessa natureza; algumas prisões, no estrangeiro, lhe cederam o seu lugar; mas tal instalação só é compatível com a natureza e a essência dos trabalhos bacteriológicos; o serviço tem de ser anexado a laboratórios de Microbiologia devidamente preparados e com material suficiente; em Lisboa, está anexo ao Instituto bacteriológico CAMARA PESTANA o serviço anti-rábico capaz de por si só honrar a Medicina portuguesa.

Disseram os jornais que o sr. Dr. LIMA DUQUE, quando Ministro do Trabalho, havia consignado e cedido uma dotação inicial para a instalação de tais serviços em Coimbra; não sei quem a possui, não sei de certeza a quanto monta; ouvi falar em dez mil escudos. É pouco, todavia PASTEUR trabalhou largo tempo num laboratório adaptado numas águas furtadas para onde tinha de entrar de joelhos e a Faculdade de Medicina tem laboratórios onde lado a lado, salas valiosas dando largo pasto ás poeiras, podem adaptar-se.

Não podendo furtar-se à influência dos trabalhos de PASTEUR a cidade, em matéria de raiva tem de

pedir, de confiar, de exigir áquêles serviços universitários que continuamente tem vigiado pela saúde dos conimbricenses, mais uma parte do seu desinteressado esforço.

Eu não posso compreender, mesmo, porque se não tenha recorrido (podiam já tê-lo feito provisoriamente com successo) ao envio diário por correio ou combóios rápido de medulas já preparadas no Instituto CAMARA PESTANA; êle as fornecia gratuitamente poupando o seu pessoal próprio e evitando a aglomeração dos doentes em Lisbôa.

A Junta Geral e a actual Comissão Executiva da Câmara Municipal organizadas sob o compromisso dos mais alevantados intuitos, não descuidarão a extinção dos cães vadios; a autoridade superior do distrito, os sub-delegados de saúde dos concelhos insistiriam na tarefa e a extinção da raiva será assim efectuada na região onde, vergonha é dizê-lo, surgem os mais numerosos casos.

Depois, passado pouco tempo da instalação do serviço antirábico, viriam os serviços da preparação da vacina anti-variólica de JENNER, a preparação dos sôros terapêuticos; e em poucos anos, não só, já bem impregnada da influênciã pasteuriana, a cidade teria as suas aspirações realizadas, mas contribuiria ainda para levar a saúde onde a doença

existe, para nacionalizar mesmo, aquela indústria de sôros que os estrangeiros nos obrigam a comprar por caros preços e que tantas vezes se mostram ineficazes, mesmo na sua polivalência, quando nos vemos forçados à sua aplicação.



Ampare a cidade a sua Universidade; crie-lhe a cidade um grupo de amigos que se encarreguem de a auxiliar naquilo para que não possam chegar os recursos dos governos; ponha bem alto que, antes da propaganda das suas belezas naturais, está o superior dever municipal de, dentro dos seus muros, velar e colaborar pelo engrandecimento dos seus estabelecimentos de sciência aplicada, sobretudo daqueles que directamente interessam aos seus munícipes e praticará um acto meritório e então Coimbra, fraco terreno para epidemias, onde o tifo exantemático não entrou e onde a mortalidade é diminuta, será uma cidade prestigiada, não só pelas águas de oiro do Mondego, mas porque oferece dentro das suas barreiras tudo o que faz parte duma adiantada civilização.

*
* *
*

Tenho cansado longamente a vossa esclarecida atenção.

Do alto varandim da vossa inteligência, através desta insignificantê palestra, vós deveis ter lido toda a grandiosidade da obra de PASTEUR; nunca é demais apontar e erguer as virtudes de quem tantos serviços prestou à humanidade e descobriu os métodos que pelos seus efeitos são continuamente cobertos das bençãos das mães aflitas, dos agradecimentos daqueles que a infecção não vitimou.

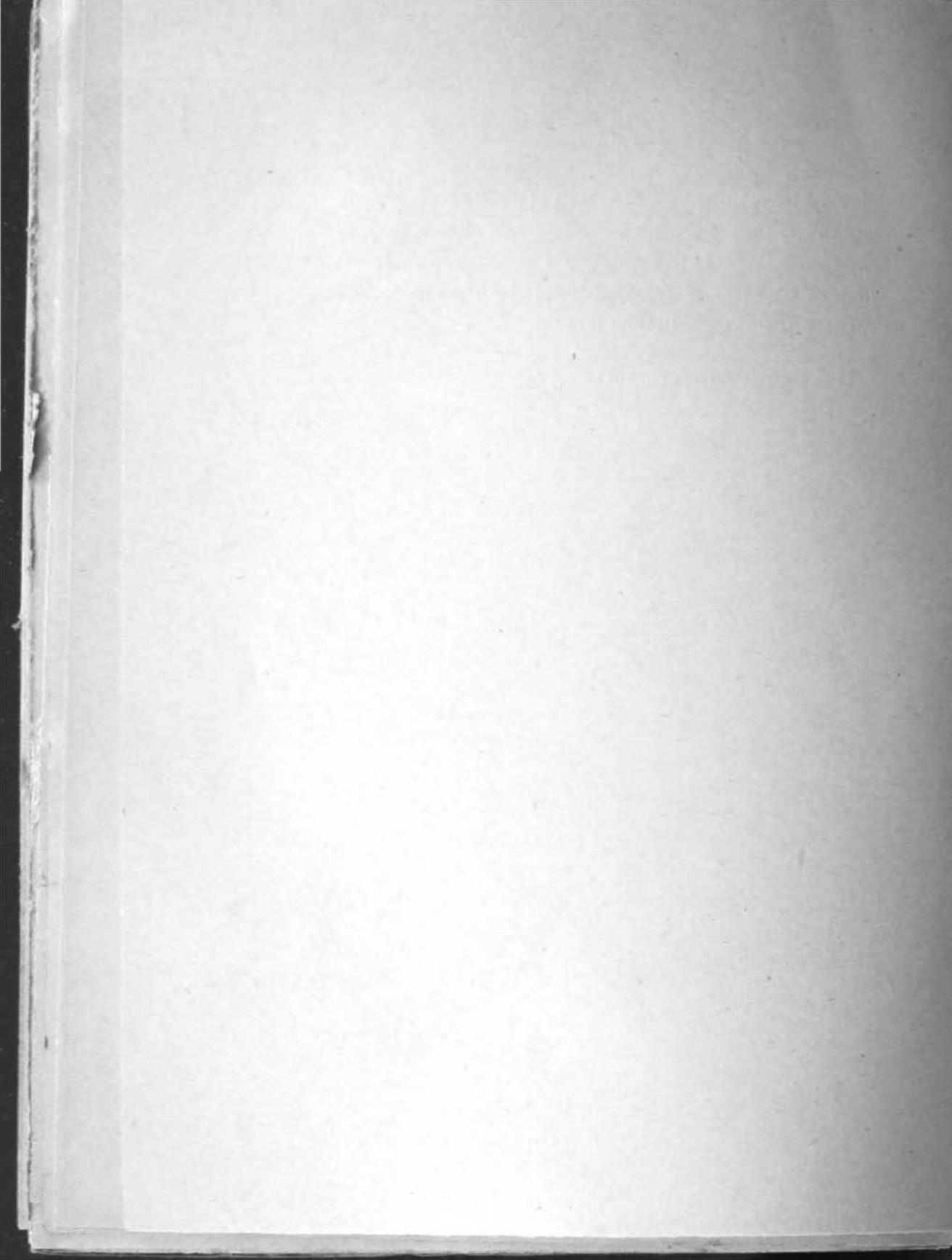
Ergamos bem alto, façamos dentro do nosso coração de portugueses o mesmo sentimento de paz, de religiosidade, de abnegação e de amor, uns pelos outros, como ele viveu sempre moço no coração do imortal sábio da França.

*
* *
*

Ex.^{mo} Senhor Governador Civil, com representação do ilustre Ministro da Instrução Pública, Ex.^{mo} Sr. Reitor da Universidade, incarnação daquele alto sentido que é a essência rara do ideal político que

elevará bem alto a alma luziada ; gentis senhoras de Coimbra ; prezados colegas e amigos ; alunos sempre queridos desta Universidade, a todos vós os meus mais sinceros agradecimentos pela vossa colaboração e pela vossa benevolência.

Coimbra, 4 de Fevereiro de 1923.



SEPARATA DO VOL. XI

DOS

Arquivos de Anatomia Patológica e Patologia Geral de Coimbra
